

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO ESSENCIALISTA DE HUSSERL NA VISÃO DE ANGELA ALES BELLO

THE PHENOMENOLOGICAL METHOD HUSSERL ESSENTIALIST IN VISION ANGELA ALES BELLO

Claudemir GOMES¹

Resumo: Este artigo toma a possibilidade de utilizar-se das contribuições teóricas de Angela Bello, em seu livro Introdução à fenomenologia, para compreender o percurso de Husserl em sua produção filosófica onde define o que ele entende por buscar os sentidos sobre as coisas. O livro de Bello é uma rota segura, pois é uma fonte preciosíssima dado a sua inteligência, o caráter didático de sua exposição e sua proximidade com Husserl. Fala dos atos psíquicos e dos atos espirituais enquanto classificação compreensiva do pensamento. Discute-se a elaboração e construção do mundo enquanto um modo singular do ser humano existir nele, traçando o fora e o dentro como a simetria necessária do dispositivo da construção do humano. Destaca-se, na análise, o valor conceitual dos termos essência e existência como produtores de linhas de pesquisa e de produção teórica. A partir disso, esboça-se a fenomenologia essencialista de Husserl com a participação de suas discípulas Edith Stein e Angela Ales Bello, bem como sugere o princípio do caminho sistemático da fenomenologia existencialista de Heidegger com Merleau Ponty, Sartre, Albert Camus, Gabriel Marcel, entre outros discípulos.

Palavras-Chave: Husserl. Fenomenologia. Fenomenologia Essencialista.

Abstract: This article takes the possibility of using the theoretical contributions of Angela Bello, in her book Introduction to Phenomenology, to understand the course of Husserl in his philosophical production where defines what he understands by search the sense of things. Bello's book is a safe route, because it is a precious source owing to your intelligence, the didactic character of your exposure and its proximity to Husserl. There is talk of psychic acts and spiritual acts while comprehensive classification of thought. It discusses the development and construction of the world as a unique way of human exist in it, tracing the outside and inside as the required symmetry of the construction device of human. Another highlight in the analysis is the conceptual value of the terms essence and existence as producers of research lines and theoretical production. From this, outlines the essentialist phenomenology of Husserl with the participation of their disciples Edith Stein and Angela Bello, as well as suggests the principle of systematic way of existential phenomenology of Heidegger with Merleau Ponty, Sartre, Albert Camus, Gabriel Marcel, among other disciples.

Keywords: Husserl. Phenomenology. Essentialist Phenomenology.

Introdução

Angela Bello é autora de livros que falam de Edmundo Husserl. Escreve com clareza e em tom coloquial. Essa forma de escrever fez com que suas obras tenham tido grande receptividade no Brasil, havendo já várias publicações brasileiras que se tornaram referência. Nesse livro, que traz o título: Introdução à Fenomenologia, (Coleção Filosofia e Política), Bello procura descrever metodologicamente o modo como pensava Edmundo Husserl.

¹ Docente do Curso de Psicologia da Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba. E-mail: gomespsi41@gmail.com

Introdução à Fenomenologia é um livro cujo texto se fez a partir do curso ministrado pela Professora Angela Ales Bello na Universidade do Sagrado Coração, em Bauru (SP), no ano de 2004, vindo a professora da Pontifícia Universidade Lateranense de Roma. O livro foi editado por Miguel Mahfoud e Silvio Motta Maximino. Bello, ao proferir suas palestras mostrou profundo conhecimento e compreensão do pensamento husserliano, focando criativamente os elementos mais singulares que caracterizavam o grande mestre. Enquanto pensadora mantém a sua posição intelectual no exercício da articulação da pesquisa entre os diversos grupos e as diversas universidades brasileiras, de onde se vê que vêm frutificando o seu pensamento, a partir de suas visitas acadêmicas ao Brasil. O livro foi gerado nesse ambiente de tessitura de relações, na convivência preciosa entre professores e alunos. Miguel Mahfoud, ao encerrar a sua apresentação da edição de 2006, afirma que:

Temos à mão uma verdadeira Introdução à Fenomenologia. Fiel ao rigor metodológico, típico da fenomenologia. A Prof. Angela Ales Bello nos convida a percorrer o inteiro percurso husserliano. Magistralmente, somos provocados, na contemporaneidade, a atentar ao que nos está à volta e à própria experiência interna. E, com surpresa, advertimos que, aqui, experiência vívida e reflexão sistemática podem efetivamente não estarem cindidas. A novidade é que não se apresenta apenas discursivamente uma tal possibilidade de unidade, mas somos conduzidos a reconhecer a vivência - através do método interrogativo husserliano - com surpreendente simplicidade de forma que a introdução ao campo fenomenológico, tão sofisticado, começa a nos parecer familiar, começamos a nos sentir em casa, porque começamos a atentar ao mundo mais conscientes dos próprios recursos e do próprio eu [...] e, no mesmo texto ainda, o prof. Mahfoud agradece aos pesquisadores do Programa de Iniciação Científica do LAPS - Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, da Faculdade de Psicologia da UFMG, que trabalharam com cuidado evidente na transcrição e textualização das gravações do curso original, possibilitando que o presente volume seja uma realidade boa para muitos. (BELLO, 2006, p. 11).

Desenvolvimento

Na apresentação que faz sobre o tema, a Profa. Bello diz que a grande dificuldade que existe em quem se dispõe a estudar a fenomenologia essencialista de Husserl, está no fato de que Edmundo Husserl nunca chegou a escrever uma obra apresentando todo o seu percurso investigativo. Sobre esse aspecto, diz:

[...] a cada obra sublinha certo aspecto do percurso integral, num caminho analítico, partindo de um esquema geral. Passo a passo, ele vai chegando a uma consciência completa das diversas vivências, e continuamente se pergunta: “Qual é o significado do ato que estou operando?”, e ao mesmo tempo: “Qual é a formação que permite

tais atos?” Seus livros são resultado de compilações de esboços de aulas ou de suas anotações pessoais. Muito de sua vasta obra, até hoje, não chegou à publicação. Como sua análise é muito detalhada, atentando com rigor para cada aspecto, ele nunca chegou a formular uma síntese geral e isso dificulta conhecer o pensamento husserliano. (BELLO, 2006, p.13).

Com a intenção de contribuir com a explicitação e apresentação do processo investigativo, em todo o arco do processo metodológico, empreendido pelo fundador da Fenomenologia, Bello apresenta, no sumário de seu livro, uma ordem de pauta onde não apenas busca descrever os temas mais relevantes, mas analisar o pensamento de Husserl. Para tanto, ela inicia a sua tarefa inquirindo do seu leitor as compreensões necessárias sobre o que é fenômeno e fenomenologia? A partir daí apresenta a fenomenologia como método. O tema da consciência é visto junto com a descrição das estruturas universais. Em seguida oferece, com muito jeito, um primoroso texto onde fala da síntese passiva como fase anterior à percepção. Introduce o conceito da entropatia como capacidade que o homem tem de conhecer o seu semelhante, definindo-a como a conjunção privilegiada do Eu, do outro e do nós. O tema da intersubjetividade é cuidadosamente analisado como dispositivo de formação das modalidades de associação e de organização da pessoa. A análise das vivências, é a proposta que Bello sugere, a partir das compreensões de Husserl, para um fundamento das ciências. Na exposição do método fenomenológico husserliano e do existencialismo ela aprimora a sua intenção de discriminar competentemente as diferenças existentes entre Mestre e Discípulo, destacando suas teses e enriquecendo com isso o método fenomenológico com dois grandes pensadores, produzindo cada um centenas de novos discípulos. Para finalizar a brilhante discussão do livro, Bello surpreende a todos com a sua sensibilidade criativa, colocando sobre a temática da busca religiosa, novos conceitos e idéias que não apenas humanizam o sentido da compreensão do sagrado, mas que oferece novos caminhos para ainda se acreditar. Em seu primeiro ponto de discussão, Bello (2006) logo formula a questão: O que é o fenômeno e fenomenologia? E, para respondê-las se vale do conhecimento das palavras gregas que afirmam:

Fenômeno é aquilo que se mostra; não somente aquilo que aparece ou parece, e “Logia” que deriva da palavra *logos*, que para os gregos tinha muitos significados, tais como: palavra, pensamento. Vamos tomar *logos* como pensamento, como capacidade de refletir. Tomemos, então, fenomenologia como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra. A Fenomenologia começou como uma escola filosófica cujo pai e mestre é E. Husserl. O seu início sistemático se deu na Alemanha, em fins do século XIX, e na primeira metade do século XX. (BELLO, 2006, p.17-8)

Ao tomar-se a definição de fenômeno como aquilo que se mostra e não somente aquilo que aparece ou parece, logo se é levado ou conduzido a um entendimento passível de erros, pois passa-se a acreditar que as coisas se mostram a nós à maneira como acontecia no realismo platônico, na metodologia da reminiscência. A compreensão que a Fenomenologia sugere não é esta, pois as coisas quando se revelam a nós não o fazem como quem instigasse um determinado comportamento, mas sim mediante a compreensão que se dá no sentido de que as:

As coisas se mostram a nós. Nós é que buscamos o significado, o sentido daquilo que se mostra. [...]. Todas as coisas que se mostram a nós, pois tratamos como fenômenos, porque conseguimos compreender o sentido. Entretanto o fato de se mostrarem não nos interessa tanto, mas, sim, compreender o que são, isto é, o seu sentido. (BELLO, 2006, p. 19)

E esse é o detalhe que se revela no fenômeno: o seu sentido. E esta é a meta enquanto pessoas que buscam o significado ou o sentido daquilo que se mostra. Essa é a missão da filosofia nos dias de hoje: buscar o sentido das coisas, tanto de ordem física quanto de caráter cultural, religioso etc, que se mostram a nós.

O nosso problema é: o que é que se mostra e como se mostra. Quando dizemos que alguma coisa se mostra, dizemos que ela se mostra a nós, ao ser humano, à pessoa humana. Isso tem grande importância. Em toda a história da filosofia sempre se deu muita importância ao ser humano, àquele a quem o fenômeno se mostra. As coisas se mostram a nós. Nós é que buscamos o significado, o sentido daquilo que se mostra. Num primeiro momento, podemos pensar que aquilo que se mostra esteja ligado ao mundo físico diante de nós, mas do que dizer “as coisas se mostram”, precisamos dizer que “percebemos, estamos voltados para elas”, principalmente para aquilo que aparece no mundo físico. (BELLO, 2006, p. 19)

E, implicado nessa discussão metodológica, já se apresenta, no esforço compreensivo da fenomenologia essencialista de Husserl, um quê de positivismo ou de cientificismo. O rigor da análise que Husserl emprega na discriminação do sentido e de seus atos constitutivos o faz fazer ciência e acreditar na essência como pressuposto a priori do comportamento. Diz Bello assim nesse sentido:

Então, para compreender o sentido, nós devemos fazer uma série de operações, pois nem sempre compreendemos tudo imediatamente, que consiste em identificar o sentido, os fenômenos, de tudo aquilo que se manifesta a nós. (BELLO, 2006, p. 19)

A discussão que se segue, neste segundo ponto, é sobre a questão da fenomenologia

como método que, segundo Husserl, apud Bello (2006, p. 21), o método é um caminho formado de duas etapas: na primeira, a busca do sentido dos fenômenos: a redução eidética, e na segunda, a redução transcendental, que tratará como é o sujeito que busca o sentido. As duas etapas falam da compreensão do sentido das coisas. É óbvio que para algumas coisas, a apreensão do sentido não é complicada, pois este se revela na própria função da coisa enquanto objeto. Todavia, para tantas outras, cresce, e muito, a complexidade da apreensão do sentido. Bello destaca a fala de Husserl sobre esse tema, dizendo:

Husserl afirma que para o ser humano é muito importante compreender o sentido das coisas, mas nem todas as coisas são imediatamente compreensíveis. De qualquer modo, compreender o sentido das coisas é uma possibilidade humana. Como o que nos interessa é o sentido das coisas, deixamos de lado tudo aquilo, que não é o sentido do que queremos compreender, e buscamos, principalmente, o sentido. Husserl diz, por exemplo, que não interessa o fato de existir, mas o sentido desse fato. Este é um ponto muito importante: existem os fatos? Certamente, existem. Mas não nos interessa os fatos enquanto fatos interessamo-nos pelo sentido deles. Por isso posso também “colocar entre parênteses” a existência dos fatos para compreender sua essência. Esse é um argumento para quem diz que importantes são os fatos. Certo, importantes são os fatos, mas o que são fatos? É este o ponto. E aqui está toda uma polêmica com outra corrente filosófica contemporânea a Husserl, o Positivismo’. O Positivismo considera muito importante os fatos, sobretudo assumidos como tais pelas ciências físicas. No entanto, Husserl diz que os fatos existem e são fatos. Mas o que são? Por exemplo, a ciência física olha a natureza, dá-se conta dos fatos da natureza, mas o que são esses fatos? Ou ainda, as ciências sociais olham a sociedade, mas o que é a sociedade? Qual é seu sentido? Fazemos tantas análises da sociedade sem saber do que se trata. Não basta dizer que existem, e esta é uma das polêmicas de Husserl no confronto com o Positivismo, mas também com todas as ciências da natureza e as ciências humanas. A mentalidade positivista está ainda muito presente em nossos dias, ainda que não a chamemos assim. (BELLO, 2006, p. 23-4)

No entanto, basta a ciência física para resolver essa questão? Bastam as ciências humanas para dizer o que é o ser humano? Não bastam. Elas descrevem alguns aspectos do ser humano, assim como as ciências da natureza descrevem alguns outros. Mas a questão do sentido é um problema de fundo de toda a história da filosofia ocidental, pois a filosofia é a busca do sentido, e não dos aspectos do objeto. Estes devem ser examinados, ninguém diria que não, mas é necessário ir mais fundo, escavar mais, em diferentes níveis. Por essas razões, Husserl, no seu tempo, polemizava contra o Positivismo. A intuição do sentido é o primeiro passo do caminho e revela ser possível captar o sentido. E, nessa maneira de pensar, inicia o que se chama de fenomenologia essencialista de Husserl: a procura que o homem faz sobre o sentido das coisas e de suas implicações metodológicas. A redução transcendental, nesse

ponto, é básica para responder por que o ser humano busca o sentido. Esse é o lugar da análise do homem, a reflexão sobre o sujeito reflete. A redução fenomenológica permite ao homem dizer quem ele é. A novidade de Husserl, diz Bello, é que a análise do sujeito humano se constitui no ponto de partida de sua investigação. Para dar um exemplo dessa categoria de reflexão, Bello (2006, p. 27), destaca o seguinte exemplo:

Para realizar a análise do sujeito faremos um exercício, comecemos por dizer que estamos diante de um copo d'água. Vemos, sobre a mesa, o copo que antes já estava lá, podíamos vê-lo, mas não tínhamos prestado atenção nele. Esta é uma coisa interessante que apresenta dois níveis. Antes víamos os copos, mas não fazíamos uma reflexão, talvez porque não estivéssemos com sede. Agora, tenho sede e começo a prestar atenção. Estamos refletindo um pouco sobre o tema do “ver o copo”. Antes estávamos cômicos, sabíamos ter visto o copo sem ter feito uma reflexão a respeito. Todos nós tínhamos já uma experiência perceptiva do copo, que estava em nós, dentro de nós, mas o copo, fora. Porém, no momento em que tivemos uma experiência perceptiva do copo, ele estava também dentro de nós. De que modo estava dentro? Nós sabíamos que o copo existia, portanto estar dentro significa saber que o copo existe.

Nesse sentido puramente essencialista, é que Husserl se vale dos estudos feitos sobre a percepção na perspectiva de compreender melhor como se dá o conhecimento humano. Chega até mesmo a afirmar que é, por meio da percepção, que se entra em contato com o mundo físico que é percebido através das sensações. A percepção é uma porta, uma forma de ingresso, uma passagem para o sujeito, ou seja, uma compreensão de como o ser humano é feito. Na análise feita sobre o copo, falou-se da percepção como um ato que se está vivendo, porém, nem todo ato que se vive, que se pode identificar, é de caráter psicológico, por isso a análise se torna muito refinada e requer uma atenção especial. Para comentar o exemplo acima Bello (2006 p. 27), diz que:

[...] enquanto estávamos vivendo o ato perceptivo (o ato de ver o copo), poderíamos perguntar do que esse ato era formado. Sabemos que esse ato perceptivo era formado pelo ver o copo e também pelo copo, ali, diante dos olhos. Enquanto coisa física, enquanto existente, onde estava o copo? Estava fora. Porém, enquanto visto, onde estava? Dentro. Temos aí, o ato de ver, e enquanto vivemos o ato, estamos vivendo o copo-visto dentro de nós. (grifo do autor)

Desse modo, vai-se construindo a maneira essencialista husserliano de pensar o conhecimento na formação do humano. Bello (2006, p. 31) utiliza, nessa construção, os conceitos da visão e a do tato qualificando-os como sensações que são vividas por nós, pois as registramos por meio da nossa capacidade de dar-nos contas de algo que acontece conosco. Adentrando em um terreno de muita complexidade teórica, Bello se permite, por inspiração

metodológica, fazer uma comparação entre os atos da percepção – o dar-nos conta – e o ato da consciência de algo. Esse é um terreno perigoso e complexo porque a última coisa que se poderia pensar nesse momento é o da produção de um paralelismo sem nexos, criando para a consciência um território e uma função complementar. Quando Bello sugere a comparação isso se faz para dizer que a consciência não existe em si, mas que é simultaneamente um tipo de imagem que é produzida pelo processo da percepção, e que esse sim é o caminho de acesso ao ser, ao sujeito do conhecimento. Bello ainda destaca a compreensão da junção entre os conceitos citados da consciência e da percepção, afirmando que isso só acontece pela capacidade que o ser humano tem de saber o que faz. E de que isso é uma condição superior, quando comparada aos animais, sobre tudo quando favorecida pelo imenso desenvolvimento do humano. Bello (2006, p. 32) cita Husserl sobre esta questão:

Aquí está a novidade, pois Husserl diz que o ser humano tem a capacidade de ter consciência de ter realizado esses atos, enquanto ele está vivendo esses atos, sabe que os está realizando. Sabe que está realizando esses atos na relação com algo que está vendo ou tocando [...] ver e tocar são *vivências*, e se são vivências, quer dizer que são registradas por nós e delas temos consciência. Ter consciência dos atos que são por nós registrados são vivências. Consciência, neste caso, não quer dizer que a cada momento nós temos que dizer “agora estamos vendo, agora estamos tocando”. Consciência significa que, enquanto nós olhamos, nos damos conta de que estamos vendo, ou que, enquanto tocamos, nos damos conta de tocar. (grifo do autor)

E, sobre isso, Bello (2006, p. 33-4), destaca os níveis de consciência perguntando sobre esse novo ato, que é o refletir, e de que tipo é essa vivência. Para tanto, sugere a existência de dois tipos: a consciência de primeiro grau, que acontece nos atos perceptivos com ênfase nos processos corpóreos e psicológicos, e a consciência de segundo grau produzida nos atos reflexivos com ênfase nos processos psicológicos e espirituais. Numa rápida comparação, entre um cão e um gato que se vêem e se tocam, sabe-se que eles possuem a consciência do primeiro grau – a perceptiva, que é corpórea e psicológica, pois eles são capazes de sentir, mas que não possuem a consciência do segundo grau – a reflexiva, pois esse grau apenas pertence ao homem porque tem a capacidade de se dar conta do que está vivendo. Ele sabe que sabe, sente que sente, sabe que está vivendo. Para ampliar a noção do essencialismo husserliano, Bello (2006, p. 33-4) ilustra a noção dos atos perceptivos como pressuposto à consciência que temos de sermos corpo, psique e espírito.

Voltemos ao copo de nosso experimento. Nós o vemos, o sentimos, o utilizamos, por quê? Porque temos sede. Que tipo de ato é a sede? E um impulso. Nós sentimos alguma coisa interiormente, que nos impulsiona a pegar o copo e a beber. Esse impulso, não é o ato de beber, ou o ato de tocar, e nem o ato de refletir, é um outro

ato. Em geral, o impulso em direção a alguma coisa é registrado por nós, pois temos consciência do impulso e queremos vivê-lo. E o que fazemos? Buscamos alcançar o copo. Pode ser que alguém próximo do mesmo copo d'água tenha o mesmo impulso de beber, mas não chega a pegar o copo sobre a mesa. Por quê? Existe um controle muito semelhante ao ato da reflexão (É justo não poder beber?). Podemos dizer que existe uma regra social ligada a um controle, trata-se de um ato que não é o do ver ou o de tocar, nem o do impulso que mais se assemelha ao ato de refletir. Todos esses atos que identificamos têm características diversas, qualidades diversas. Podemos pensar que existe uma dimensão do ter consciência (não uma dimensão física) sob a qual nós registramos: é um *setting* de registro dos atos. De quais atos? De todos os que nós estamos realizando, atos que são ligados ao mundo externo e ao mundo interno. Retomemos toda a análise feita na dimensão do ver e do tocar, o objeto é externo, mas o impulso de ir beber é interno. Agora, onde nós percebemos o ato interno, o impulso e o ato externo perceptivo? Sempre nessa dimensão da consciência. A consciência é a dimensão com a qual nós registramos os atos. O registro é um terreno novo, e ao identificarmos nesse terreno os atos vividos por nós, percebemos que tudo aquilo que vivemos passa através desse terreno. (grifos do autor)

Todavia, Bello (2006, p. 39), no sentido da ampliação compreensiva dos atos, identifica outros atos que não são de caráter psíquico, como o impulso de beber, nem de caráter corpóreo porque o corpo nos manda a mensagem de beber, mas não pegamos o copo. Portanto, podemos controlar o nosso corpo e a nossa psique. Diz ela:

Estamos registrando o ato de controle, mas este não é de ordem psíquica nem de ordem corpórea, e nos faz entrar numa outra esfera a que os fenomenólogos chamam de esfera do espírito [...] que é a parte que reflete, decide, avalia, e está ligada aos atos da compreensão, da decisão, da reflexão, do pensar, que é assim chamada de espírito. Examinando os atos, a começar pelo registro dos atos podemos chegar à estrutura do ser humano. Somos corpo-psique-espírito, como dimensão. (BELLO, 2006, p. 39)

É desse modo que se pode entender a metodologia de Husserl, o seu jeito essencialista de pensar. Sua decisão em fazer ciência está justamente neste processo onde se busca saber como o mundo se tornou um modo de ser em nós. Como o fora se tornou dentro. Quando e como acontece isso? A implicação disso na constituição do humano. Sabe-se que a sua maior preocupação é com a essência, em ser ela ou não o elemento captador e formatador interno das possibilidades compreensivas do fora, em saber como se dá o humano e a partir de que ele é tecido, constituído, produzido, ou seja: qual é sua essência, do que ele é feito? Por isso a sua determinação com a busca do sentido, pois essa é a materialidade com a qual se descobre do que é feito o homem e não simplesmente pelo fato dele existir. Sua ideia é que se deve colocar entre parênteses a existência dos fatos. O copo diante de mim é um fato, mas não interessa

tanto que ele esteja aqui, e sim o que ele é, o problema do sentido. (BELLO, 2006, p. 93). É óbvio dizer que Husserl não nega a existência das coisas ou dos fatos, mas se referia à existência como fato positivista. Porque ele não diz que não existe, apenas não quer levar em consideração a existência como factualidade. Quem vai afirmar a existência como pressuposto da essência é Heidegger. E sobre isso, Husserl diz (apud BELLO, 2006, p. 94) “Se vocês, positivistas, me dizem que as coisas existem como fato, como objeto da ciência, este aspecto de existência não me interessa, porque me interessa compreender o sentido”.

Poderíamos perguntar qual o sentido e a resposta seria que o sentido de todos os fenômenos, que estão interativamente sendo analisados e também os detalhes internos ao sujeito referentes àqueles fenômenos, as vivências. Heidegger, Merleau-Ponty, e Sartre admitiram que há um fenômeno da existência humana e se interessaram por examiná-lo como fenômeno, mas sem adentrá-lo, sem examinar a dimensão dos atos. Essa é uma diferença fundamental. Quem aceita a dimensão dos atos é Edith Stein, que se interessa pela estrutura do sujeito, reconduzível à realidade transcendental (atos de consciência), e, através dos atos conquistados, vem depois, a existência das coisas.

Todas as coisas existem; eu existo, os outros existem, as comunidades existem, porém Husserl não trabalha sobre o plano da existência, mas do sentido, do significado das coisas que existem. Heidegger, que é discípulo de Husserl, muda esta visão, interessando-se pelo fenômeno da existência humana ao qual denomina *Dasein*. (BELLO, 2006, p. 94)

Desta maneira, com a introdução do conceito da existência, Heidegger cria o existencialismo enquanto uma abordagem que se preocupa com o ser diante da realidade e da circunstância. Nesta feita não se discutirá sobre a essencialidade do ser como pressuposto da existência, mas será invertida a questão tomando Heidegger a compreensão de que a essencialidade será, por consequência, a soma das vivências do ser nas suas determinações sobre o que fazer da vida. O *dasein* será o grande indicativo do ser-aí. Do ser aí frente à circunstância. Do impasse do ser que, necessariamente, deverá decidir por sua escolha a fazer: ou se joga na circunstância transformando-a em realidade ou em não se jogar e privar-se da experiência, definindo assim uma escolha decidida pela alienação. Sabe-se que do ponto de vista histórico, essas filosofias nasceram da análise da existência, constituindo o Existencialismo, embora Husserl não fosse um existencialista. Para finalizar esse pequeno estudo, que apenas se concentrou na compreensão do essencialismo enquanto elemento qualificador da abordagem fenomenológica, mais uma vez utiliza-se a compreensão que Bello (2006, p. 95) faz sobre o tema:

Num certo sentido, os existencialistas entram na questão dos atos, mas não seguem

a análise de Husserl sobre a subjetividade, é neste ponto que se separam. A questão mais importante é a de como vamos examinar o ser humano. Husserl vai ao interior, aos atos, às vivências para conhecer o sujeito que apreende o fenômeno, para poder conhecer as características do que está fora (não factualmente), mas conforme foi apreendido pelo sujeito, faz uma análise do ponto de vista do espírito. Os existencialistas, interessados nessa existência do ser humano, permanecem fora. (BELLO, 2006, p. 95)

Conclusão

Fica claro, depois do exposto, que os dois modos de se pensar o homem, tanto o essencialismo quanto o existencialismo se valem da mesma compreensão do ser humano enquanto fenômeno. Se um olha para fora o outro olha para dentro. Se um coloca o homem implicado no *dasein*, onde o ser-aí deve decidir para ser, o outro coloca o homem como algo que a natureza teceu, sob inspiração do sagrado ou não, que o fez corpo, e que neste se congrega todo legado dos muitos milhares de anos de evolução. O existencialismo afirma que as vivências são experiências tomadas pelo corpo que decidiu ser, que se jogou na circunstância, que se fez mundo. O essencialismo define a vivência como a capacidade que o homem tem de registrar o que acontece com ele e disso ter consciência. Do lado existencialista, preocupado com a existência enquanto objeto de sua análise, compreende-se o homem de várias maneiras: a) que, o ser, não existe em si mesmo, e que quando aparece se desfaz; b) que o ser humano é incomensurável; c) é comparado às águas de um rio que nunca passam duas vezes no mesmo lugar. Sendo assim, d) é insustentável a qualquer apreensão que se destine, qualquer categorização que se aplique, e que, por não ser classificável, não pode ser idêntico, mas apenas semelhante na diferença. De outro lado, o essencialismo, por não concordar com tudo isso, evoca a compreensão do que é feito o homem, e para tanto recorre aos atos, aos processos, à busca dos sentidos, ao entendimento de um corpo que aprimorou seu jeito de ser corpo, pela natureza de sua inerente necessidade de interagir com o mundo em todas as suas categorias. Pela busca da compreensão do que se chama essência. Do que é fundamental à existência humana. Da vida enquanto fenômeno. Por outro lado, os existencialistas, interessados nessa existência do ser humano, permanecem fora. (BELLO, 2006, p. 95)

Referência

BELLO, A. A. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução: Ir. Jacinta T. Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru-SP : Edusc, 2006. 108p. (Coleção Filosofia e Política).